

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS – FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

VERÔNICA SANTOS DA SILVA

**NÃO A VIOLÊNCIA. SIM A PAZ NA ESCOLA: análise a partir de reportagens,
entrevistas e casos reais da Revista Nova Escola.**

**ARACAJU SE
Ano 2016.2**

VERÔNICA SANTOS DA SILVA

**NÃO A VIOLÊNCIA. SIM À PAZ NA ESCOLA: análise a partir de reportagens,
entrevistas e casos reais da Revista Nova Escola.**

Monografia apresentada à Sociedade de
Ensino Superior Amadeus como requisito
para obtenção do Grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia
Orientadora: Professora Dra. Maria
Auxiliadora Santos

Aracaju SE

Ano 2016.2

VERÔNICA SANTOS DA SILVA

**NÃO A VIOLÊNCIA. SIM À PAZ NA ESCOLA: análise a partir de reportagens,
entrevistas e casos reais da Revista Nova Escola.**

Artigo apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus como requisito para
obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia

APROVADO EM ____/____/____

MÉDIA: _____

Williams dos Santos
Coordenador do Curso de Pedagogia

Avaliador: Lucymar de Souza Leite Santos

Avaliador: Williams dos Santos

ORIENTADORA: Professora Dra. Maria Auxiliadora Santos

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos professores do curso que foram tão importantes na minha vida acadêmica, em especial à professora Maria Auxiliadora pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Ao meu esposo Expedito Rocha pelo seu carinho e por estar ao meu lado a todo o momento nesta caminhada.

A todos meus amigos pelos bons momentos vividos durante o curso. E a todos que contribuíram direta e indiretamente para realização deste sonho.

DEDICATÓRIA

A Deus em primeiro lugar, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. A minha professora orientadora que teve paciência e me ajudou bastante na conclusão deste trabalho. Ao meu esposo que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. A minha família que mesmo distante, sempre me apoiou e me incentivou com muito carinho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	10
2.1 Construção dos Documentos da Pesquisa	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1 Bullying	14
3.2 Meios de Comunicação	17
4 RESULTADOS	18
4.1 Revista Nova escola	18
4.2 Reportagens	18
4.3 Entrevistas	25
4.4 Casos Reais	32
5 DISCUSSÃO	36
6. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44

RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso propõe investigar a violência e suas implicações no ambiente escolar, através de uma pesquisa documental. Uma das consequências mais graves é o bullying. Agressões físicas ou morais entre alunos trazem problemas sérios, tanto para quem pratica, como também para as vítimas. São atitudes negativas que afetam a formação psicológica, emocional e sócio educacional das crianças. Dentro desse contexto analisei a questão de pesquisa: Quais as implicações para a aprendizagem, levando ao baixo rendimento escolar, causadas pela violência na escola segundo a revista Nova Escola? Objetivo geral: Compreender o que é a violência na escola e suas consequências para a vida e o desenvolvimento de uma pessoa, segundo a revista Nova Escola. E como objetivos específicos: Analisar a violência na escola e como tem sido encarada na realidade escolar; reconhecer atitudes que podem acarretar situações de violência; refletir sobre a necessidade de desenvolvermos ações educativas contra a violência na unidade escolar; pesquisar e refletir sobre as causas e consequências da violência na escola. A pesquisa documental defende que a violência na escola é uma triste realidade, que há anos vem se manifestando tanto nas escolas como no ambiente familiar. A melhor forma de combater a violência é prevenir através da conscientização dos envolvidos sobre as consequências desse fato. A família e escola tem um papel fundamental em impedir a violência. As duas têm que agir com jeito, na simpatia, no dialogo e na solidariedade.

Palavras-Chave. Agressor. *Bullying*. Violência na escola.

RESUMEN

Este fin de obra, por supuesto, se propone investigar la violencia y sus implicaciones en el entorno escolar, a través de una investigación documental. Una de las consecuencias más graves es la intimidación. agresión física o moral entre los estudiantes traer problemas graves, tanto para los que practican, sino también para las víctimas. Son las actitudes negativas que afectan a la formación psicológica, socio emocional y educativo de los niños. La comprensión de lo que es la violencia en las escuelas y sus consecuencias para la vida y el desarrollo de una persona, de acuerdo a la revista New School. Y los siguientes objetivos: Analizar la violencia en la escuela y como se ha visto en la realidad escolar; reconocer las actitudes que pueden llevar a situaciones de violencia; reflexionar sobre la necesidad de desarrollar actividades educativas contra la violencia en la escuela; investigar y reflexionar sobre las causas y consecuencias de la violencia en la escuela. La investigación documental argumenta que la violencia en las escuelas es una triste realidad, que durante años se ha manifestado tanto en las escuelas y en el entorno del hogar. La mejor manera de combatir la violencia es evitar que a través del conocimiento de los involucrados en las consecuencias de este hecho. La familia y la escuela juega un papel clave en la prevención de la violencia. Ambos tienen que actuar como, por simpatía, en el diálogo y la solidaridad.

Palabras clave. Agresor. La intimidación. La violencia en la escuela.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como proposta trabalhar o tema NÃO A VIOLÊNCIA. SIM À PAZ NA ESCOLA: análise a partir de reportagens, entrevistas e casos reais da Revista Nova Escola. A violência aumenta a cada dia em nossa sociedade, gerada por uma série de consequências na vida de pessoas e seus familiares. Tal situação afeta diretamente o seio familiar influenciando na questão educacional dos filhos. As fronteiras da violência no tempo e no espaço se tornam difíceis de serem definidas. É por isso que, muitas vezes, a violência pode ser confundida com agressão e indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar. A violência no ambiente escolar tem um tipo identificado como bullying sendo um dos comportamentos agressivos observados atualmente no ambiente escolar.

Brigas, ofensas, disseminação de comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas, repressão. A escola pode ser palco de todos esses comportamentos, transformando a vida escolar de muitos alunos em um verdadeiro terror. Dentro desse contexto analisei a questão de pesquisa: Quais as implicações para a aprendizagem, levando ao baixo rendimento escolar, causadas pela violência na escola segundo a Revista Nova Escola? Nesse estudo destaco a necessidade de um melhor preparo dos professores e da comunidade escolar para poder reconhecer a violência como algo nocivo para o desempenho das potencialidades dos estudantes

Teve como objetivo geral: Compreender o que é a violência na escola e suas consequências para a vida e o desenvolvimento de uma pessoa, segundo a revista Nova Escola. E como objetivos específicos: Analisar a violência na escola e como tem sido encarada na realidade escolar; reconhecer atitudes que podem acarretar situações de violência; refletir sobre a necessidade de desenvolvermos ações educativas contra a violência na unidade escolar; pesquisar e refletir sobre as causas e consequências da violência na escola.

Justifica-se esse trabalho pela necessidade de se fazer uma reflexão no ambiente escolar, acerca da violência que se faz presente cada vez mais nas escolas. São atitudes de forma física, psíquica e moral. Pessoas que passam por esses fatos são pessoas constrangidas e têm medo de revidar, porque se acham

sempre as mais fracas. A única alternativa é ir suportando todo tipo de constrangimento que ocorre no meio das crianças e jovens.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi de cunho qualitativo e se baseou na pesquisa documental. Delineou-se a partir da pesquisa bibliográfica com a seleção e leitura de livros e de documentos da Revista Nova Escola. Com o resultado de conhecer mais um pouco sobre o tema pesquisado e assim obter maiores informações sobre a violência nas escolas.

Afirma que: a pesquisa é uma teoria articulada que contém princípios, fundamentos lógicos e epistemológicos que sustentam a análise da realidade e que têm alcance e valor esclarecedor. Em suma, a pesquisa segue uma metodologia de trabalho; ou seja, a lógica subjacente ao encadeamento de diligências que o pesquisador segue para descobrir ou comprovar uma verdade, assim coerente com sua concepção da realidade. (CHIZZOTTI 2006)

Ainda para o autor (op. cit.), a pesquisa qualitativa refere-se a um trabalho empírico, por meio do desenvolvimento de uma pesquisa de campo que visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações, sendo que as informações retiradas desta pesquisa são documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral, gravada ou filmada, que se preste para fundamentar o relatório do caso que será, por sua vez, objeto de análise crítica pelos informantes ou qualquer interessado. Na pesquisa qualitativa segue-se uma rota de uma investigação, escolhe-se um assunto e a sua problemática e em seguida faz-se uma coleta de dados e uma análise de informações recebidas. Através da pesquisa qualitativa consegue-se analisar algumas diferenças em determinados temas, tornando possível chegar a um consenso e como conseguir meios para resolver essas diferenças.

Segundo Gil (1991) a pesquisa documental assemelha-se muito com a pesquisa bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes. Na pesquisa documental as fontes são mais diversificadas e dispersas. De um lado há documentos de primeira mão, são aqueles que não receberam nenhum tratamento analítico, esses documentos são conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas. Por exemplo, associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. incluem também inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.

Existem também os documentos de segunda mão, que são aqueles que já foram examinados de alguma forma, tais como relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. Pode confundir com a pesquisa bibliográfica já que qualquer material impresso pode ser classificado como bibliográfico.

A pesquisa documental apresenta a vantagem de que os documentos constituem uma fonte rica e estável de dados e sobrevivem ao longo do tempo, e é uma fonte de dados em pesquisa histórica, além de apresentarem um baixo custo. Outra vantagem é o fato de não exigir contato com os sujeitos da pesquisa, e existe alguns casos que é difícil ou até mesmo impossível fazer contato.

2.1 Construção dos documentos da pesquisa

A pesquisa documental depende da área da pesquisa do investigador e dos interesses do estudo, são documentos que podem ser desprezíveis para uns e podem ocupar lugar central para outros. Segundo Bravo (1991), é documento tudo que for produzido pelo homem, incluindo ações, e podem realizar suas ideias, opiniões e formas de agir e viver. É possível apontar vários tipos de documentos: os escritos; os numéricos; os estáticos, os de reprodução de som e imagem; e os documentos – objeto. Existem também os documentos de linguagem verbal e escrita.

A pesquisa documental permite investigar e fixar problemas não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio de estudo de documentos produzidos pelo homem e isso revela seu modo de ser e viver e compreender um fato social. Estudar documentos implica fazê-lo a partir de quem produziu. (CALADO, FERREIRA, 2004 p. 3)

Segundo Figueiredo (2007) a pesquisa documental vem dos textos escritos ou impressos, o documento pode ser escrito ou não. É quase sempre a base do trabalho de investigação; é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. Tais como slides, filmes, vídeos, fotografias, ou pôsteres, esses documentos são utilizados como fonte de informações e são aqueles documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias entre outras matérias de divulgação.

Documento – textos escritos, tanto em papel quanto em arquivos de computador, é reconhecido e serve de prova de um acontecimento, fato ou estado, é qualquer objeto que prove ou registre um acontecimento.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - A VIOLÊNCIA E SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE;

Para Avelino (2014) A violência na escola é hoje uma das maiores preocupações da sociedade, e vem acontecendo de forma sistemática. Ela atinge a vida, a integridade física e psicológica das pessoas, em especial o corpo docente, discente e todo o quadro administrativo e de apoio da instituição. A escola precisa despertar para a situação, pois esses casos de violência se agravam a cada dia e há que se propor momentos de reflexão sobre o assunto, pois devemos tomar iniciativas para não permitir que o ambiente escolar se torne palco de violência física, psíquica e moral. Enfim, a violência precisa ser pensada, debatida e combatida nas escolas, junto com a direção, familiares e a comunidade. Com isso, mostrar que o caminho mais eficaz para combater a violência é a integração com a comunidade, que passa a respeitar a escola e a reconhecer que aquele espaço é de todos.

De acordo com Andrade (2014), são muitas as lições que o professor aprende em sua realidade diária, principalmente quando sabe conduzi-la com humildade, carinho e afeto. Esse afeto nunca deve ser esquecido, mas constantemente regado para produzir frutos de cidadania. É através dele que se forma o cidadão, o homem que sabe ir a busca de seus objetivos, que trabalha para ter o pão de cada dia e respeitar as pessoas, fazendo delas suas aliadas na edificação de um mundo mais justo e fraterno.

Tomazett (2013) afirma que numa sociedade tecnológica, consumista e competitiva, que valoriza a aquisição de bens de qualquer forma, que só dá oportunidades para os que já possuem algo, o comportamento dessas crianças poderá ser considerado como adaptativo. Porém, não adianta tratar um sintoma sem primeiramente investigar a sua causa. É muito fácil rotular os atores de violência de desequilibrados, de maus, de desestruturados e não fazer nada para alterar estes comportamentos.

Ainda para Tomazett (op. cit.), todavia a sociedade tem vindo a sofrer significativas transformações devido às exigências atuais, então os pais colocam os filhos cedo em creches ou deixam com alguém. Chegam a casa cansados, depois de trabalhar o dia inteiro e muitos têm os afazeres domésticos ou trazem trabalho para casa. Assim, a criança é colocada sozinha na frente da TV ou vai brincar sem

um adulto por perto que lhe dê a devida atenção. A relação familiar centra-se prioritariamente nas necessidades físicas da criança, ou seja, na alimentação, na higiene e no descanso. Portanto, as novas tecnologias imediatamente as seduzem e permitem a aquisição de novos saberes.

Para o autor (op. cit.), o seu conhecimento vai progredindo através das informações que recebe do meio onde se insere, do meio familiar, dos colegas, da escola, dos meios audiovisuais. Resultado disso é que a família vem delegando o papel de educador para a escola, dado que é no contexto educativo que as crianças passam a maior parte do dia. Todavia, nenhuma outra instituição poderá jamais substituir as condições educativas da família, nem parece ser razoável que seja unicamente a escola a ensinar valores tão necessários para o normal desenvolvimento da criança tais como: a democracia, as regras para a sã convivência, o respeito pelo outro, a solidariedade, a tolerância, o esforço pessoal, etc.

O autor ainda afirma, na sociedade democrática, somos responsáveis pelas consequências educativas das nossas ações. Terá que haver um esforço financeiro governamental, não só econômico, mas também ao nível de recursos humanos, para que programas de combate à violência e exclusão social sejam realmente concretizados e obtenham bons resultados. Não podemos deixar que as crianças se transformem em futuros inadaptados ou marginais, só porque não tiveram referências positivas na infância e porque as diversas entidades educativas se foram “esquecendo” que elas também necessitam de carinho, de afeto, que também são seres humanos como todas as outras crianças. Pais, sociedade, autoridades governamentais é preciso agir, e rápido, caso contrário o caos total vai dominar a Escola Pública Brasileira.

Segundo a LDB (Lei nº 9.394/96):

Os sistemas de ensino definiram as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 2º - A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade de pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996 apud BRANDÃO, 2010).

3.1 O *Bullying*

É "um distúrbio que se caracteriza por agressões físicas, morais e repetitivas, levando a vítima ao isolamento, à queda do rendimento escolar, a alterações emocionais e à depressão". (FERREIRA, 2009).

Explica que o *bullying* não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas:

[...] verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização. (CONSTANTINI, 2004 p. 69),

Lemgruber (2013) afirma que o *bullying* não pode ser encarado como uma brincadeira ou provocação natural entre crianças e adolescentes e merece atenção para ser prevenido e combatido.

O *bullying* escolar segundo Guareschi, (2008, p. 17):

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. Muitas crianças vítimas do *bullying* desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar a escola quando esta nada faz em defesa da vítima.

Na escola identificamos o *bullying* como um dos comportamentos agressivos observados atualmente no ambiente escolar. É um ato que caracteriza por agressões intencionais, como verbais ou físicas, sempre acontece de maneira repetitiva, por um ou mais alunos, contra um ou mais colegas. O termo *bullying* tem origem a palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato. A palavra *bullying* ainda é pouco conhecida do grande público. Sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* para manter suas vítimas sob total domínio. (LEMGRUBER, 2013)

A solução é tentar dialogar.

Porque quem nos avisa que está sofrendo *bullying*, normalmente, é a vítima. Se o problema ainda não tiver tomado um grande vulto, conseguimos trabalhar de forma discreta, chamando os envolvidos para uma conversa. “Se preciso, convocamos as famílias”, para se envolverem mais no acompanhamento e aprendizagem dos filhos, por que na maioria das vezes, os pais não tem tempo para os filhos, não conversam com eles, não fazem um carinho, além de trabalharem o dia inteiro. Quando a criança chega em casa, o que ela mais quer é colo dos pais, mas nem sempre isso acontece, por isso que muitos jovens são revoltados. (SILVA, 2010, p 21).

De acordo com Santomauro (2010), a escola é um ótimo lugar para fazer palestras, dinâmicas em sala de aula e orientar os alunos que devemos respeitar o outro, independente de quem seja. Devemos também explicar como utilizar os meios digitais de uma forma saudável, e não para o *cyberbullying* que ocorre on-line, e isso vem acontecendo muito em nosso país. Quando tais agressões passam a acontecer por meio de bens tecnológicos, seja por publicação em sites, redes sociais ou aplicativos como WhatsApp, entre outros, passa a receber a denominação de *Cyberbullying*. O *cyberbullying* é um problema crescente justamente porque os jovens usam cada vez mais a internet. Os pais precisam ficar atentos para verem o que os filhos fazem na internet, eles costumam ver os filhos como vítimas e nunca como agressores.

Segundo Fante (2005, p 21) O *bullying* é um termo muito utilizado nos estudos realizados sobre a problemática da violência escolar, e acontece de forma velada, por “meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima” e com grande poder destrutivo. O *bullying* vem crescendo a cada dia, “tendo como resultados os nefastos massacres em escolas localizadas nas mais diversas partes do mundo”, inclusive no Brasil. Segundo Fante (2005), a sociedade sueca foi uma das primeiras a estudar esse tipo de comportamento, que se estenderam a outros países escandinavos.

Santomauro (op. cit.) informa que desde a década de 70 o professor Dan Olweus estudou as tendências suicidas entre adolescentes, ele descobriu que alguns jovens tinham sofrido algum tipo de ameaça e que o *Bullying* era um mal a combater. Segundo Silva (2010, p. 161), o *bullying* sempre existiu nas escolas; no entanto, somente há pouco mais de trinta anos começou a ser estudado sob parâmetros psicossociais e científicos, e recebeu a denominação específica pela qual é conhecido atualmente em todo mundo. No Brasil, o atraso em identificar e

enfrentar o problema foi enorme. Por aqui, o tema só começou a ser abordado junto à sociedade a partir de 2000, quando Cléo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa séria e bastante abrangente sobre o assunto, que resultou em um programa.

Considera que um dos ambientes mais preocupantes dessa prática é o escolar, visto que as crianças e os adolescentes ainda não possuem a personalidade totalmente formada, não possuindo amadurecimento suficiente para lidarem com as consequências do *bullying*. Segundo Ferreira (2009), “um distúrbio que se caracteriza por agressões físicas e morais repetitivas, levando a vítima ao isolamento, à queda do rendimento escolar, as alterações emocionais e à depressão”. (FANTE, 2005)

3.2 Meios de Comunicação

A mídia há muito tempo vem ajudando na globalização do mundo. Tanto no nosso, como nos outros países. A propaganda mostra que cada estado tem uma cultura diferente. Como temos mídias que mostram imagens e falam coisas positivas e verdadeiras, nem sempre é verdade. Como os pontos turísticos, que mostram que é a coisa mais linda. Por trás, na realidade existe a pobreza e a mídia não mostra, porque é imagem negativa. Os meios de comunicação formam opiniões aproximando ou afastando as pessoas de lugares diferentes. (CARAVELAS, 2006)

As representações sociais tanto de um povo como de um local podem ser através de fotografias, fofocas, reportagens, cultura, ciência, paisagem, literatura histórica, pintura, música, meios de comunicação e vários outros fatores. Representações essas que são repassadas pela mídia em forma imagens visuais e textuais, podendo ser verdade ou invenção, manipulação e simulação. (CARAVELAS, 2006)

4 RESULTADOS

4.1 Revista Nova Escola

Escolhi a Revista Nova Escola por ser focada no Tema Educação e os autores abordarem sempre temas que facilitam a prática pedagógica do professor, e por ser uma revista conceituada, não só pelos professores como também por alunos que a utilizam em seus estudos. Como também pelo fácil acesso que tenho por ser assinante.

É uma revista mensal brasileira, destinada a professores, editada pela Fundação Victor Civita, sem fins lucrativos. Publicada desde março de 1986, a revista conta com apoio institucional do Governo Federal, que permite sua venda a baixo preço e distribuição para a rede escolar. Até o ano de 1996 publicava nove exemplares ao ano e, a partir de 1997, passaram a ser dez edições anuais. Seus artigos tendem a privilegiar certas posições pedagógicas, como o construtivismo. Apresenta propostas de projetos para serem implementados por professores nas turmas em que trabalham, geralmente ilustradas com casos de educadores que foram bem sucedidos em projetos parecidos. Comenta as principais notícias e estudos divulgados durante o mês. Apresenta depoimentos de docentes que tenham realizado algum curso de aprimoramento. E ainda dados e notícias importantes sobre a carreira da docência. Entrevistas com personalidades da educação (grandes educadores, pesquisadores e figuras públicas). (Nova Escola, dezembro de 2014).

Neste trabalho analisei: Três Reportagens, quatro entrevistas e dois casos reais.

4.2 Reportagens (Quadro 1)

A reportagem é um dos gêneros textuais do universo jornalístico, e tem a principal missão, instruir. A reportagem por realizar um trabalho tão importante exerce um cargo social e está sempre a serviço da comunicação. Ela não tem como noticiar um assunto pontual, algo que esteja acontecendo, por exemplo, no dia de hoje. O repórter é a pessoa que elabora e apresenta a reportagem, a qual aborda temas da sociedade em geral. (**Toda Matéria:** conteúdos escolares)

A reportagem prefere como tema um assunto que faça parte da realidade das pessoas e que seja vantagem de uma comunidade; podemos dizer que a notícia faz parte do jornalismo informativo, enquanto as reportagens fazem parte do chamado jornalismo opinativo. Por esse motivo, a reportagem é um texto que precisa de mais tempo para ser elaborado pelo repórter, onde se desenvolve um debate sobre um tema, de modo mais abrangente que a notícia. (**Toda Matéria:** conteúdos escolares)

Quadro I REPORTAGENS ANALISADAS

Série	Título	Objetivo	Público – alvo	Editora	Data
Revista Nova Escola	Menos violência, notas melhores.	Incentivar atividades culturais e esportivas aos alunos e familiares	Professores da Educação Básica das redes pública e privada de ensino de todo o país.	Abril	Novembro 2009
REPORTAGENS	Soraya Escorel fala sobre o bullying: é preciso levar a sério ao primeiro sinal	Todos trabalharem a cultura de paz e as diferenças individuais	Professores da Educação Básica das redes pública e privadas de ensino de todo o país.	Abril	Abril 2008
	Ana Rita Martins – Bullying contra alunos com deficiência	Elaborar com a escola um projeto de ação e prevenção contra o bullying.	Professores da Educação Básica das redes pública e privada de ensino de todo o país.	Abril	Dezembro 2009

A **reportagem** não possui uma construção rígida, mas geralmente costuma determinar conexões com o caso relativo, anunciado no que chamamos de pessoa principal. A partir daí, desenvolve-se a história do acontecimento fundamental, ampliada e composta por meio de atos, trechos de entrevistas, testemunhas, dados que ocupa pequenas sínteses, dentre outros recursos. É sempre iniciada por um título, como todo texto jornalístico. (**Toda Matéria:** conteúdos escolares)

O objetivo de uma reportagem é apresentar ao leitor várias versões para um mesmo fato, informando-o, orientando-o e contribuindo para formar sua opinião. A comunicação entre pessoas utilizada nesse conjunto de palavras é examinada, dinâmica e clara, conforme ao modelo linguístico divulgado nos meios de comunicação, que se representa como uma linguagem que pode chegar a todos os públicos, mas pode revezar de formal para mais informal dependendo do público a que se destina. Embora seja impessoal, às vezes é possível perceber a opinião do repórter sobre os fatos ou sua interpretação. Para se produzir uma boa reportagem, é fundamental que o repórter ouça todas as versões de um fato, a fim de que a verdade apurada seja realmente a verdade que possa ser comprovada, não aquela que se imagina que é a verdade. (**Toda Matéria:** conteúdos escolares).

4.2.1 Menos violência, notas melhores. O ENTORNO INFLUI NO DESEMPENHO DOS ALUNOS, MAS UMA BOA GESTÃO PODE ANULAR OS EFEITOS NEGATIVOS. Escrito por Raphael Hakime e Silvia Avanzi (Hakime e Avanzi, 2009). Publicado em GESTAO ESCOLAR, Edição 004, OUTUBRO/NOVEMBRO 2009.

Um estudo do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPURI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com o fundo das Nações Unidas, em que realizaram uma pesquisa sobre o IDEB do ano 2007 de algumas cidades. O que mais chamou a atenção dos pesquisadores foi a cidade do Rio de Janeiro, onde a taxa de homicídios é muito alta e só 20% das crianças frequentam creches e pré-escolas, há 118 assassinatos para 100 mil habitantes. Em 2007 a média do IDEB para séries iniciais foi de 3,8. Já em Campinas (SP) onde a violência é menor são 27 assassinatos a cada 100 mil habitantes e 100% das crianças de 4 e 5 anos frequentam a pré-escola, a nota de IDEB para essa cidade é 5.

Os pesquisadores concluem que as crianças aprendem a comportar-se em sociedade ao conviver com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendida no meio em que vive, da imitação, da experiência e da invenção. Os alunos de áreas com o maior índice de violência têm o pior desempenho, por terem poucas aulas, além de viverem no meio da violência, muitas escolas se fecham com medo dos assaltos frequentes, outros não têm apoio da família por ser analfabeta, e não sabe como ajudar seus filhos. Alguns

alunos faltam muito as aulas por terem que trabalhar desde cedo para ajudar a família, sem contar os que se envolvem com o crime logo cedo.

As áreas mais violentas apresentam uma sobreposição de carência que reflete na escola. Muitas escolas têm preconceito e os próprios docentes não incentivam os alunos, pois os docentes já chegam estressados e sem nenhuma perspectiva de vida. Como esse professor vai motivar os alunos?

Os pesquisadores concordam com Renato Alves especialista da Universidade de São Paulo (USP), quando afirma que boa parte da origem da violência está na história do país. Outro fator segundo os especialistas é o despreparo da escola para atender a população. As redes públicas não sabem como receber esses alunos mais carentes. As escolas desestimulam os alunos. Comentam que ouvem sempre depoimentos de crianças que conhecem pessoas da comunidade que não estudaram e têm prestígio. Os alunos pensam e dizem fulano não estudou e ganha dinheiro, quando eu crescer vou ser igual, sem estudo e ganhando muito dinheiro. Só que alguns alunos não entendem que muitos da comunidade são envolvidos com o crime.

Os pesquisadores citam escolas que conseguiram superar as dificuldades e ensinar com qualidade. Em Santo Tomás de Aquino fica no morro da Babilônia e Chapéu Mangueira no Rio de Janeiro, lá a violência ocorre, mas não entra na escola diz o diretor Jorge Ferrari, ele investe na formação dos professores e faz parcerias com organizações não governamentais que oferecem atividades culturais e esportivas aos alunos e familiares. O IDEB dessas escolas foi 4,5 para séries iniciais e 4,1 para o ensino fundamental. A média da cidade é 3,8 e 3,5.

Outro exemplo é a escola E.M. IV Centenário da Maré também na capital fluminense. O IDEB passou de 4,6 em 2005 para 5,2 em 2007. A diretora Rita de Cássia aponta a união da equipe, atenção às metas como um dos pontos fortes, o segredo está nos resultados e uma boa gestão. Os diretores investiram no clima escolar, na mobilização comunitária e no fortalecimento da equipe. O papel da gestão democrática é fazer a diferença em qualquer escola, inclusive nas situadas nas áreas mais carentes. “O bom desempenho da escola, não depende da área onde está situada, mas sim, do compromisso da equipe com a educação”.

4.2.2 Chega de omissão. Bullying contra alunos com deficiência. Escrito por Ana Rita Martins (Martins, 2009). Publicado em DEZEMBRO 2009.

Segundo Ana Rita Martins, a violência física muitas vezes é considerada mais grave do que um xingamento ou uma fofoca. Muitos alunos "xingam", agredem fisicamente o colega além de colocar apelidos. Esse tipo de perseguição não pode ser encarado como uma simples brincadeira. Isso é sério! Também tem professor que vê tudo isso e ignora. A situação se torna mais grave quando o alvo é uma criança ou um jovem com algum tipo de deficiência, esses nem sempre têm habilidade física ou emocional para lidar com as agressões. Muitas atitudes são impulsionadas pela falta de conhecimento sobre deficiência, boa parte pelo preconceito trazido de casa. Muitos são acostumados a colocar apelidos, xingar e acham que isso é normal.

A autora afirma que o primeiro passo seria conversar em casa e explicar para os pais o que está acontecendo e o que vem sofrendo na escola. Os pais precisam ajudar na solução. Mesmo que os pais sejam muito ocupados, e até pense que eles não vão entender ou valorizar a situação, o aluno deve dar a eles a oportunidade de saber o que está acontecendo e de sentir o seu sofrimento. Não dá para enfrentar essa situação, que mexe tanto com a autoestima, sozinho, todos precisam de ajuda.

Uma pesquisa feita com 18 mil estudantes, professores, funcionários e pais em 501 escolas em todo o Brasil, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIBRE) constatou que 96,5% dos entrevistados admitem o preconceito contra pessoas com deficiência.

É de responsabilidade de toda a escola colocar em prática ações pedagógicas para reverter e minimizar comportamentos violentos e intolerantes. Está aí o exemplo das professoras Maria de Lourdes N. da Silva da EMEF Professora Eliza, e Rachel M. de Souza na capital de São Paulo. Elas receberam os alunos com deficiência de imediato foi um susto para os outros alunos, mas elas explicaram que somos iguais e não há porque excluir os alunos. O aluno Gabriel com 9 anos, a reação da turma de 1º série foi de excluir o menino. A fisionomia dele assustava os demais, então a professora teve que ensinar para os alunos que Gabriel sofreu má formação ainda na barriga da mãe. Depois de tudo esclarecido os colegas deixaram de sentir medo. Depois de quatro anos Gabriel ainda continuava na mesma escola, agora com outra professora Maria do Carmo F. da Silva, ela recebeu capacitação do Centro de Formação e acompanhamento à inclusão (CEFAI) da Secretaria Municipal de São Paulo.

Deveria ter em todas as escolas do país essa capacitação para todos os professores. Com o trabalho de toda a equipe a exclusão deve ser combatida. Não se trata de estabelecer vítimas nem culpados quando o assunto é *Bullying*, isso só reforça a situação e não ajuda em nada na decisão de conflitos. Melhor do que culpar o aluno e sacrificar o outro é desfazer os nós da tensão por meio de diálogos.

A escola Eustáquio Júnior Matosinhos, ligado a E.M. Amaral Franco em Contagem em Minas Gerais, encontrou uma solução provocada por pais de alunos. A escola recebeu uma criança de 4 anos com deficiência intelectual e os pais dos outros alunos foram à secretaria para que o menino fosse transferido para outra escola. A Vice-diretora Leila Dória Pires, para solucionar o problema fez uma reunião com os pais, junto com o diretor de inclusão da secretária. Foi importantíssimo até porque muitos pais nem sabiam o que era esse conceito, tudo isso por falta de informação que os pais não tinham. Depois da reunião a postura mudou.

No Caic EMEIEF Antônio Tabosa Rodrigues em Cajazeiras em João Pessoa a solução para o *Bullying* foi investir na aprendizagem. Quando a professora recebeu o aluno José Augusto de 12 anos com necessidades especiais a professora Maria A. de Souza S. Sá presenciou várias cenas, os outros alunos empurravam José o chamavam de maluco e o machucavam, chegavam a mentir para ele dizendo que a aula acabaria mais cedo, isso só amedrontava o aluno e ele acabava chorando. A professora começou a adiantar para o aluno o que ele ia estudar, assim ele ia descobrindo o que ia aprender. Ao passar do tempo o aluno que era quieto começou a participar e a turma percebeu que ele era capaz de aprender, os outros colegas passaram a respeitar e chamá-lo para fazer trabalho em grupo.

A professora declara: Eu como professora devo observar o meio em que a criança vive, e como ela vive. Analisar também o projeto da escola e não se esquecer de incluir o preconceito e o *Bullying*, para tentarmos diminuir essa violência que vem afetando tanto nosso país. A violência tira o direito do aluno de ser um participante do processo de aprendizagem. É tarefa dos educadores oferecer um ambiente propício para todos, especialmente que os deficientes se desenvolvam com respeito e harmonia.

4.2.3 Soraya Escorel fala sobre bullying: é preciso levar a sério ao primeiro sinal Andréia Barros (Barros, 2008) Publicado em ABRIL 2008.

Andréia Barros analisa que, além de tantos outros problemas existentes nas escolas, está posto mais um. O *Bullying* escolar, é um tipo de agressão que pode ser física ou psicológica, ocorre repetidamente, intencionalmente e ridiculariza, afronta e intimida suas vítimas. Ninguém “sabe como agir”.

Segundo Soraya Escorel que compôs a comissão organizadora do I Seminário Paraibano sobre *Bullying* escolar, as escolas deixam de lado. Os pais não sabem lidar com o que está acontecendo. As vítimas e as testemunhas se calam. Com os casos mais graves o assunto deu origem e teve vantagem em estudos desenvolvidos por pedagogos e psicólogos que lidam com educação. A imprensa também auxilia a dar visibilidade ao prestígio de se combater o *Bullying* e por consequência a criminalidade. Não se trata de uma simples brincadeira da infância, mas sim de coisas sérias que envolvem a violência, em muitos casos de forma velada.

Essas agressões podem causar danos psicológicos nas crianças como também nos adolescentes, isso pode facilitar para mais tarde eles entrarem no mundo do crime. O objetivo de algumas escolas na Paraíba, inclusive o Colégio Motiva, foi debater o assunto e orientar profissionais da área, como lidar com esse problema.

Andréia Barros sugere que o correto seria acrescentar e elaborar um requerimento que os crimes mais graves contra crianças e adolescentes podem ser denunciados através do disque 100. Fazer, lançar e entregar nas escolas, um trabalho educativo que o *Bullying* estivesse presente, não só nas escolas, como também, no trabalho e na vizinhança. Seria explicado como identificar as agressões, como pais e professores devem prevenir a situação e quais atitudes para os envolvidos. A sugestão é convocar todos para trabalhar e estimular ato de paz e considerar as diferenças individuais.

4.3 Entrevistas (Quadro II)

A **Entrevista** é um dos gêneros textuais com serviço geralmente noticiado, veiculado especialmente pelos meios de comunicação: jornais, revistas, internet, televisão, rádio, dentre outros. Há diversos tipos de entrevistas que depende da intenção prometida: a entrevista jornalística, entrevista de emprego, entrevista

psicológica, a entrevista social, dentre outras. Elas podem fazer parte de outros textos jornalísticos, por exemplo, a notícia e a reportagem. (Toda Matéria: conteúdos escolares.).

Quadro II ENTREVISTAS ANALISADAS

Série	Título	Objetivo	Público-Alvo	Editora	Ano
Revista Nova Escola ENTREVISTAS	Eric Debarbieux fala sobre o combate ao bullying	Não é punir culpados, mas evitar que haja vítimas	Pessoas adultas que procuram informações gerais sobre o Brasil e o mundo.	Abril	Dezembro 2011
	Paulo Freire: "Nós podemos reinventar o mundo"	É possível acabar com a opressão, com a miséria, com a intolerância e transformar o mundo num lugar mais gostoso e mais justo para se viver.	Pessoas adultas que procuram informações gerais sobre o Brasil e o mundo.	Abril	Setembro 2011
	Telma Weiss fala da alfabetização nas escolas públicas nas últimas décadas	Analisar de que forma se processa a alfabetização das crianças nas séries iniciais	Pessoas adultas que procuram informações gerais sobre o Brasil e o mundo.	Abril	Abril 2012
	Bernard Charlot: "O conflito nasce quando o professor não ensina"	Descobrir por que alguns adolescentes pobres não avançam na Educação formal, enquanto outros se revelam bem-sucedidos.	Pessoas adultas que procuram informações gerais sobre o Brasil e o mundo.	Abril	Outubro 2006

Trata-se de frases escritas, marcadas pela oralidade avançada pela interação entre duas pessoas, ou seja, o entrevistador, responsável por fazer perguntas, e o entrevistado (ou entrevistados), que responde às perguntas. A Entrevista possui um serviço social muito interessante, sendo indispensável para a divulgação da conexão, a formação de pensar e posicionamento relativo da sociedade, uma vez propõe uma troca de ideias sobre determinado tema, de qual lugar o discurso direto é sua fundamental característica. Ou seja, as palavras escolhidas pelo entrevistado e o entrevistador são copiados de maneira fidedigna e, conseqüentemente, pode alcançar muitos símbolos de oralidade bem como prática que produz as ações de ambos. (**Toda Matéria**: conteúdos escolares).

4.3.1 É preciso tratar das pequenas violências do cotidiano para evitar as mais graves. Lúcia Müzel (Müzel, 2011) Publicado em NOVA ESCOLA Edição 248, DEZEMBRO 2011

Lúcia Müzell fez uma entrevista com o especialista Francês Eric Debarbieux (Dez, 2011), em Paris, sobre escolas que lidam com problemas como bullying. Ele fala sobre o combate ao *Bullying* e defende que duas condições são essenciais: a estabilidade do corpo docente e a construção de um bom clima. Lúcia Müzell concorda quando o especialista fala que para combater a violência nas escolas é preciso formação específica dos docentes, incentivo a solidariedade e melhorar a proximidade entre professores e alunos. Colocar câmeras, detectores de metais, isso é inútil.

O especialista fez uma experiência com 115 mil estudantes, para traçar um perfil de problemas nas escolas brasileiras. Para ele o fato mais marcante foi o massacre de Realengo, onde um jovem ex-aluno entrou em uma escola municipal do Rio de Janeiro em abril 2011, e matou a tiros 12 estudantes. Vimos isso repetir diariamente no mundo inteiro. As pesquisas apontam que atos relevantes também envolvem alunos e professores. A violência explícita, como agressões físicas ou mortes, infelizmente são crimes como outro qualquer. (DEBARBIEUX, 2011. p, 2)

O entrevistado afirma que um dos problemas é o meio social e a relação com a família. Outro fator importante é a escola. Muitos pais pensam que a educação das crianças é totalmente só da escola, e têm deixado a responsabilidade toda com os

professores esperando, assim, que além da educação dos ensinamentos sociais possam passar os valores culturais, a ética e a respeitar os sentimentos e o caráter de outros, sendo que isso é obrigação da família. O convívio entre escola-família tem sido o mais incompatível, por não haver a troca de saberes.

Na França foi identificado que as escolas mais problemáticas são onde o corpo docente é mais instável. Não é fácil fazer algo contra a violência escolar. Na maioria dos países faltam docentes capacitados para enfrentar essa situação e os professores trabalham como condutor tentando manter o controle da classe, e não recebem nenhuma formação específica para lidar com a situação. E muitas vezes o professor trabalha só, não tem ajuda da escola.

A pior violência escolar que temos hoje é o *Bullying*. É o que mais vemos nas escolas, alguns alunos colocando apelidos, humilhando os colegas, isso se repete sempre. A média mundial de alunos atingidos pelo problema fica entre 7 e 15%. A solução está numa boa gestão escolar.

Debarbieux afirma que em alguns países o *Bullying* não se manifesta mais nas escolas, os governos assumiram um papel chave e lutaram contra isso há mais de 20 anos, mais nem por isso devemos deixar de evoluir. Nos Estados Unidos 75% dos alunos que foram armados para as escolas e mataram colegas, eram vítimas de *Bullying*. É preciso mostrar aos jovens agressores as consequências que a violência faz. Normalmente é um garoto inocente, que quer se afirmar e que se sente mais forte que os outros. Também é importante se colocar no lugar do outro, se conscientizando que tipo de situação é prejudicial para todos. Punir não é a solução, muitas vezes só piora e pode gerar atos de vingança. Muitos pensam que porque foi agredido tem que devolver, por isso que o caso é mais sério do que imaginamos. O objetivo não é punir culpados, mas evitar que haja vítimas.

Policiais na entrada e detectores de metais não vai resolver a violência na escola. E sim preparar pessoas para formar professores, para que eles possam enfrentar a violência na escola. Tendo uma boa gestão com certeza a escola funciona.

4.3.2 Entrevista com Paulo Freire 1993 junto com o educador e secretário Moacir Gadotti (Gadotti, 1993).

Moacir Gadotti realizou uma entrevista com Paulo Freire em 1993 em São Paulo. Para Paulo Freire a escola pública deveria ser para todos os alunos inclusive os de classe média.

É possível acabar com a opressão, com a miséria, com a intolerância e transformar o mundo num lugar mais gostoso e justo de se viver. Devemos ser esperançosos, a esperança faz parte do ar que respiramos, não devemos perder a esperança, se não caímos no imobilismo. Saber respeitar as diferenças – trata-se de entrar na pele do outro e aprender também. (FREIRE, 1993, apud GADOTTI p, 25).

Relacionarei abaixo algumas afirmações de Paulo Freire, na entrevista com Moacir Gadotti:

Devemos reconhecer que a linguagem é uma produção social, uma aparência executada nessa produção social. É precisamente por isso que a linguagem é corpo ideológico. Não é possível pensar em linguagem sem ideologia e sem poder. A gramática nasce com a publicação do poder.

É possível fazer uma educação popular na escola, quando se fala em identidade cultural das crianças, que muitas escolas ignoram. Se você tem uma administração aberta, democrática, você nada a favor da correnteza e quando defende uma serie de políticas pedagógicas. Nada contra, quando o conceito de participar é proibido, aí fica difícil você defender a participação, e sobretudo viver a participação.

Uma das coisas que nós professores devemos fazer para incluir é explicar para os alunos as diferenças, e dizer que quando você discute tal coisa do conteúdo do programa, essa coisa não é universal, ela tem suas dimensões regionais até a sua família, e entra aí o problema de classe, várias culturas e linguagens existem, é preciso saber como reinventam essa linguagem. É pela transmissão que o homem expressa sentimentos, ideias, conceitos, bem como evolui como ser humano interage que ensina e aprende e se aproxima com o outro.

É preciso esclarecer o que é o popular: quando queremos que a escola pública se torne popular, eficaz, democrática não estamos pensando em fazer uma escola ruim para os meninos que nasceram ricos. Estávamos convencidos de que devíamos fazer uma escola que, tendo o gosto, o cheiro do popular, não tivesse nojo da burguesia, e os filhos dos ricos frequentassem também. A gente queria que essa escola tivesse a cara brasileira, portanto uma escola aberta, feliz, crítica, que provocasse a criatividade dos meninos e não o medo. Para isso, precisávamos de

uma administração que fosse assim também. Não é possível pensar no sonho democrático da escola tendo uma administração autoritária. Não podemos deixar de sonhar.

4.3.3 Os analfabetos funcionais são fruto de uma escola que produz não leitores. Telma Weisz fala da alfabetização nas escolas públicas nas últimas décadas. Beatriz Santomauro (Santomauro, 2012) Publicado em NOVA ESCOLA Edição 251, ABRIL 2012.

Beatriz Santomauro entrevistou Telma Weisz em Abril, 2012, na cidade de São Paulo (SP), sobre o ato em que as pessoas pensem e analisem que alfabetizar é responsabilidade de todos e não só de um professor. Telma Weisz começa falando sobre a alfabetização ontem e hoje. Como educadora há 50 anos a metade da população fracassava na escola porque ela não era para todos. Era só para burguesia. Hoje nós professores pensamos que é obrigação ensinar a todos, mesmo que não consiga. Antes não era assim que pensávamos.

A mudança da alfabetização mudou nos anos 80, quando Emília Ferreiro descobriu e publicou os dados da psicogênese da língua escrita. Na época, não se falava mais em alfabetização, falavam que era um problema sem solução. O maior interesse pela pesquisa sobre psicogênese foi na esfera pública e não particular.

É o que vemos muito nas escolas públicas, analfabetos funcionais, são produtos de uma escola que produz não leitores e enquanto continuarem com gramática e produção de texto para quem não conhece nem uma letra vai ser cada dia pior, porque muitos professores não estão nem aí para esses alunos e assim mesmo sem aprender nem ter condições, passam esses alunos de ano para a série seguinte. Não devemos criticar os educadores, só por criticar, se coloque no lugar do outro, só nós professores sabemos o que passamos na sala de aula, damos nosso máximo e tudo que acontece de negativo é culpa da professora.

A responsabilidade de alfabetizar é de todos e não de um professor só. Sempre haverá novos gêneros e desafios de leitura à medida que se avança na escolaridade. Isso faz da alfabetização quase uma situação permanente. O sistema da escrita, ela é uma missão do professor dos anos iniciais do ensino fundamental. Mas se o aluno mais velho não dominar o conteúdo, a escola deve se responsabilizar pelo ensino dele. Deve ser feito um trabalho no contra turno ou

durante as aulas regulares e por pessoas qualificadas. Mas isso não acontece, a maioria das escolas vai passando o aluno de ano, mesmo sem saber ler e escrever. Isso prejudica cada vez mais o aluno.

4.3.4 Bernard Charlot: O conflito nasce quando o professor não ensina.

Publicada Edição 195. Outubro 2006. Cristiane Marangon (Marangon, 2006).

Cristiane Marangon (2006) entrevistou Bernard Charlot em São Paulo e o pesquisador explica a relação de professor – aluno. O objetivo da pesquisa que ele fez não foi encontrar vítimas nem vilões. Os dois lados têm suas razões. Estudar a ótica do outro é a primeira lição que alunos e professores precisam aprender. A instituição escolar defende que se o aluno não leu, não fez as tarefas, e não adquiriu um saber intelectual ele será reprovado. O aluno acha isso injusto. Muitos vão à escola para comer, brincar, e pensam que ali é a casa deles, e nunca um lugar para aprender, é onde eles têm o lanche, amor, carinho e atenção. Assim, muitos professores pensam que ensinam e alunos pensam que estudam.

Muitos estudantes imaginam que é um lugar de lazer e não do saber. Os conflitos nascem quando o professor explica algo que não é compreendido, sendo assim o professor explica de novo e outra vez sem sucesso. Ele vai pensar que o aluno é inabilitado. O educador culpa a turma porque não avança. O jovem acaba pensando que o professor não sabe ensinar. Tudo isso pode virar uma agressão verbal ou física. Ser professor não é fácil, tem que ter jogo de cintura para enfrentar as diversas contradições. O aluno vai à escola sem nenhuma orientação. Antes os pais preparavam os filhos para uma etapa da vida, os mais velhos que frequentavam à escola ajudavam os menores.

Quando toda população passa a estudar, você se vê diante de crianças que não receberam nenhuma preparação para as situações de aprendizagem. O professor espera encontrar um aluno, obediente dedicado em sala de aula, mas está difícil, até porque muitos não querem fazer nada na escola, só bagunçar. Estão acostumados a fazerem isso em casa aí querem fazer na escola também, muitos pais não conseguem controlar seus filhos e querem que a escola faça milagre. É importante também o apoio da família na aprendizagem do aluno.

Uma pesquisa feita com Bernard Charlot em outubro 2006, na França com estudantes do Ensino Médio mostrou que eles usam o que foi aprendido na escola

para pensar e construir novos saberes. Há uma probabilidade de alguém de classe popular fracassar nos estudos, muitos são bem sucedidos. Há também uma grande quantidade de alunos de classe média que reprovam. A pesquisa de Bernard Charlot é entender o que acontece especialmente com quem enfrenta dificuldades.

Muitos alunos desempenham seu papel de ir à escola e escutar o professor, alguns vão para a escola para passar de ano e até conseguir um trabalho, dinheiro e uma vida considerada normal e não para construir capacidade. Para outros o estudo exige muita força de vontade e dedicação. No geral pobre e rico apresentam as mesmas características. Nos dois lados encontram o tipo que sabe e o que não sabe o está fazendo no colégio.

Não é a escola que garante o sucesso profissional dos alunos. Quando perguntamos a alguém por que ir à escola, a resposta é imediata, é para obter um emprego. Muitos se esquecem de que não é só à escola que garante um emprego. Ela tem outro papel bem mas amplo e importante. É preciso adquirir saberes, para uma boa colocação no mercado de trabalho, entender o que é a vida, o que é o mundo, e a convivência com os outros.

Ainda para Charlot:

Quando a Educação se preocupa demais com o mercado de trabalho, ela exclui os mais pobres. A escola e o saber ainda são a grande chance de ascensão social para muitos e estão se tornando uma maldição para os jovens mais fracos e mais desfavorecidos economicamente. Quem não tem um diploma não consegue emprego, certo? O mesmo vale na França, no Brasil e em qualquer lugar do mundo. A escola ideal é aquela que faz sentido para todos e na qual o saber é fonte de prazer. Isso não quer dizer que dispense esforço. O esportista, para ter satisfação, se empenha muito. Ainda hoje, um grande número de professores pensa que sua função é dar respostas, mas elas não significam nada se não houve um questionamento anterior. Os estudantes estão decorando coisas que nem sequer entendem. O trabalho do professor é fazer nascerem novas questões e o interesse pela escola. Caso contrário, ele gasta o ano letivo em embates sem solução.

O jovem não quer uma escola com a cara dele, mas uma que faça a ponte entre a história coletiva do ser humano e sua história individual.

4.4 CASOS REAIS (Quadro III)

Os pesquisadores da área pensam que atos de *bullying* podem ter causas relacionadas a ambientes familiares agressivos. Justamente por isso, gestores e professores precisam construir na escola um ambiente sócio moral baseado no respeito e em um relacionamento sadio. "É necessário que a escola pare de culpar as famílias por todos os problemas que enfrenta e busque uma revisão interna sobre a organização do ambiente escolar". (Revista Nova Escola. Outubro 2011).

A própria inclusão das famílias pode ser uma estratégia de combate ao *bullying*, mas não a única. Toda a escola - incluindo gestores, coordenadores, professores, funcionários, alunos e pais - precisa participar ativamente de processos de manutenção das relações interpessoais na escola. "Um aluno que não tem uma família considerada estruturada ou pais ausentes é justamente aquele que mais precisa de uma escola justa e respeitosa para seu desenvolvimento", punir não é o melhor caminho para resolver problemas de *bullying* entre alunos. (Revista Nova Escola. Outubro 2011)

Quadro III CASOS REAIS

Série	Título	Objetivo	Público-Alvo	Editora	Ano
Revista Nova Escola Casos Reais	"Ouvir o agressor reduziu o bullying"	Buscar as possíveis soluções para minimizar as causas de bullying no ambiente escolar.	Público específico e restrito	Abril	Outubro 2011
	Educação Física sem bullying	Verificar a frequência de bullying, tipos de agressões, incidência, agressores, vítimas e testemunhas;	Público específico e restrito	Abril	Outubro 2011

4.4.1 Ouvir o agressor reduziu o bullying. Escrito por Marcelo Volpato. Publicado Nova Escola em outubro 2011 (Volpato, 2011a).

Uma professora de Aracaju aproximou-se de um aluno que ameaçava os colegas, para ela foi um caminho para que ele mudasse de atitude. A professora explica que tinha um aluno que era líder dos casos de *bullying* na turma, batia nos mais fracos. Em um dos casos, ele chegou a ferir um colega até sangrar.

Então a professora Abjan resolveu começar com ações de combate à violência. Através de diálogo, convidou os alunos para fazerem uma reflexão sobre suas próprias ações, com base no tema “aquilo que não quero para mim, não posso ofertar aos outros”. O objetivo da professora era que os alunos se colocassem no lugar dos colegas. Além do debate a participação também de encenações teatrais, produção de cartazes com mensagens que pediam mais respeito para melhorar a convivência na escola.

É preciso a família nesse processo. Na maioria das vezes os pais incentivam os filhos a serem violentos, se for agredidos tem que agredir também. Para amenizar a situação a professora organizou reuniões quinzenais com os familiares. Se não trouxer a família, não consegue atingir o aluno. (GOMES, 2011).

Nas primeiras atividades o aluno que amedrontava os outros quase não participou. Um dia o aluno procurou a professora para falar das coisas que não gostava, ela ouviu e deu importância a ele. Depois disso ele começou a participar mais, com atitude melhores e o comportamento com o grupo melhorou muito.

Diz a professora: eu analisei que atos de *bullying* podem ter causas relacionadas a ambientes familiares agressivos. Por isso, a gestão da escola junto com os professores precisam fabricar um ambiente sócio moral no respeito e um relacionamento sadio. O correto é que as escolas parem de culpar as famílias por tudo que acontece, e busque uma revisão interna sobre a organização escolar. Se as famílias incluíssem o aluno seria uma estratégia de combate ao *bullying*. Um aluno que tem a família desestruturada é aquele que mais precisa de apoio na escola, para se desenvolver melhor.

A professora concorda quando a especialista Adriana Ramos, pedagoga e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fala

que punir não é o melhor caminho para resolver a questão do bullying entre os alunos.

4.4.2 Educação Física sem Bullying. Escrito por Marcelo Volpato. (Volpato 2011b) Edição 246. Publicado em OUTUBRO 2011

Marcelo Volpato (2011) analisa que alunos acima do peso, ou com pouca habilidade nos esportes, passam por uma situação de discriminação, agressividade. Alguns alunos acham que só os melhores podem participar das aulas de Educação Física, os próprios alunos começam a selecionar quem eles querem no time e tentam encontrar os mais aptos. Assim, começam a surgir atos de *bullying* e a exclusão entre colegas. Aparecem apelidos.

No esporte por exemplo, a professora começou a orientar que a bola deve passar por todos antes de arremessar. Durante as aulas devemos sempre debater questionando quem será o vencedor e quem é o perdedor. A participação deles aumentou e a convivência melhorou, porque o objetivo da aula deixou de ser só pensar em vencer o jogo, mas de se divertir e aprender com o grupo.

Volpato afirma, *Bullying* é o resultado de ações intencionais de desrespeito e pode ter origem em diferentes causas, que vem desde o ambiente familiar e agressividade na escola. O alvo e o autor de bullying sempre apresenta algum problema em valor de si. Por isso é bom ter um ambiente onde crianças e adolescentes se sintam valorizados e que possam reconhecer o valor do outro.

Volpato explica que a pesquisadora Vanessa Vicentin coloca como pilar as atividades da disciplina de Educação Física. É importantíssimo o respeito e a relação entre pessoas. O professor é o mediador nas situações de conflitos. Um ambiente construído com a participação de alunos e professores tende a diminuir os casos de bullying. Nós professores não devemos resolver os conflitos e dizer que está certo ou errado, mas incentivar a expressar sentimentos, discutindo formas alternativas de resolver os problemas sem se prejudicar ou prejudicar o próximo.

A especialista Vanessa Vicentin, doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), indica uma técnica para nós professores usarmos em sala de aula. “O estatuto antibullying”. Na primeira etapa os alunos devem responder questionários que busquem avaliar as condutas de *bullying* em sala, depois os alunos ajudam a tabular os resultados e discutem em subgrupos como

resolver os problemas de desrespeito. Ao final, eles apresentam as propostas e, por votação, elaboram o "estatuto antibullying", com regras de condutas deliberadas e discutidas por todos.

5 DISCUSSÃO:

Nos documentos da Revista Nova Escola, que foram analisados, os problemas abordados e que serão considerados foram: causas e tipos de violência, consequências da violência, soluções para evitar violência, problemas de ensino/aprendizagem.

5.1 Causas da violência

Para causas da violência relacionadas com a família e escola, foram consideradas: a entrevista realizada com Eric Debarbieux, por Lúcia Müzel, a reportagem de Andréia Barros sobre bullying e os casos reais trazidos por Marcelo Volpato.

Em entrevista realizada com Eric Debarbieux, por Lúcia Müzell, o entrevistado afirma que entre os problemas que causaram a violência estão: a) A Família, a escola e a relação família / escola; b) o meio social e c) as questões pedagógicas.

a) Família, escola e relação família escola.

Analisando especificamente os casos de *bullying*, foi considerada a entrevista realizada por Lúcia Müzello, com Eric Debarbieux. A repórter informa que nos Estados Unidos 75% dos alunos que foram armados para as escolas e mataram colegas, eram vítimas de bullying. A média mundial de alunos atingidos pelo problema fica entre 7 e 15%.

As dificuldades no **convívio familiar** são percebidas como possíveis desencadeadoras de violência nos alunos. A escola seria apenas o lugar onde esses conflitos intensionalizados pelos alunos aparecem. Na experiência que o especialista Eric Debaieux fez o que mais chamou a atenção foi o massacre de Realengo, onde um jovem ex-aluno entrou na escola e matou 12 estudantes. Vimos isso se repetir diariamente, porque esses jovens vêm sofrendo *bullying* e ficam calados, não pedem ajuda e muitos chegam até ao suicídio. Um dos problemas da violência escolar é o meio social onde a criança vive e a ligação com a família, mas, muitos familiares não educam seus filhos e pensam que a escola sozinha é a única responsável pela educação de seus filhos. Mas não é assim; têm que trabalhar juntos, família e

escola. Os pesquisadores encontraram uma média mundial entre 7 e 15% de alunos atingidos pelo o *bullying*. Normalmente quem causa esse tipo de violência é um jovem que se acha o tal e quer mandar em tudo e em todos, punir não resolve a situação, às vezes só piora e gera atos de vingança. Sempre ouço de alguns alunos que são orientados pelos pais que se apanhar tem que devolver, por isso que a violência está cada dia pior. Por isso precisamos também do apoio da família,

Ainda para o pesquisador Derbarbieux, entre as soluções para os casos de bullying estariam:

Explicar para as crianças que não se resolve os problemas com violência, com agressões.

Preparar pessoas para formar professores e junto com a gestão escolar orientar também a comunidade como lidar e resolver a violência escolar.

Para combater a violência na escola é essencial a firmeza do corpo docente e a construção de um bom clima

Na França as escolas que são problemáticas são as que têm o corpo docente mais instável, sempre faltam docentes capacitados para enfrentar esse problema, onde muitas vezes o professor não tem apoio da direção e trabalha sozinho.

Os governos de alguns países assumiram um papel chave nas escolas e há mais de 20 anos lutam para combater a violência escolar, normalmente alunos que praticam ato de violência, já sofreram ou vem sofrendo o bullying.

Para combater a violência é preciso docentes com formação específica, ser solidário e aproximar professor aluno. Mostrar aos agressores as consequências que a violência faz.

A solução está numa boa gestão.

Uma pesquisa feita com 18 mil estudantes, professores, funcionários e pais em 501 escolas em todo o Brasil, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIBE) constatou que 96,5% dos entrevistados admitem o preconceito contra pessoas com deficiência. (MARTINS, 2009).

O *bullying* não é um fenômeno que ocorre de forma solidária, ou seja, ele acontece em um argumento sociocultural, onde a família e a escola possuem um papel fundamental em relação a essa forma de violência. Assim, a família é imensamente importante para a criança, pois a partir da semelhança com os pais com os bebês, vão sendo incorporados os primeiros valores psicossociais e culturais da criança. Sendo assim, o fantástico seria que na família predominasse o amor, a obediência, o cuidado e valores que incentivassem a não violência. Mas, isso geralmente não ocorre e a família acaba contribuindo para formação de indivíduos violentos, que começam praticando "bullying" e acabam se tornando criminosos. Muitos jovens reproduzem nas escolas o que aprendem com os seus familiares. LEVISKY (1997 apud PEREIRA, 2009, p, 6).

Ana Rita Martins (MARTINS, 2009) em sua reportagem analisa que a violência física é considerada mais grave do que um xingamento ou intriga. Alguns alunos batem, humilham e perseguem os colegas; isso não é uma simples brincadeira é um problema sério. A situação é ainda mais grave quando é uma criança ou jovem com deficiência, esses não tem habilidade física para se defender, e pior ainda, quando o professor vê tudo isso acontecer e nada faz. Até porque alguns professores não têm conhecimento sobre o assunto e ignora. Alguns alunos trazem o preconceito de casa, porque são acostumados a agredir e pensam que isso é normal. A solução para amenizar a violência seria conversar com os pais e explicar o que vem acontecendo na escola, os pais precisam ajudar na solução. Todos precisam se ajudar. A escola deve se responsabilizar e por em prática ações pedagógicas para reverter a conduta da violência. Alguns exemplos das escolas da capital de São Paulo, onde as professoras receberam alguns alunos com deficiência, de imediato foi um susto para os alunos e pais, queriam até excluir os alunos, mas as professoras explicaram que somos todos iguais e devemos respeitar cada um. Seria uma oportunidade muito boa para nós professores, se em todas as escolas tivessem cursos de capacitação para sabermos dialogar, ensinar e conviver com pessoas com deficiência, Os pais também precisam entender que ninguém é igual a ninguém e que os filhos precisam conviver com os colegas de classe.

[...] a inclusão de um aluno que não está preparado gera inúmeras situações de luta. Dentre essas coisas está o *bullying*, uma violência que sucede no ambiente escolar. O *bullying* se caracteriza pelo comportamento agressivo intencional, que ocorre e impõe sofrimento nas vítimas. (FANTE, 2005).

Andréia Barros, em entrevista com Soraya Escorel fala sobre *bullying* (Barros, 2008) analisa que além dos problemas que acontecem na escola, está posto mais um, o *bullying* escolar, que é uma agressão física ou psicológica, que vive intimidando suas vítimas. Algumas escolas deixam de lado o que está acontecendo, os pais não sabem lidar com a situação e essas agressões podem causar danos sérios no futuro, dessas crianças. Isso facilita e estimula para que esses alunos entrem no mundo do crime mais cedo. O correto é orientar os professores como lidar com esse problema; seria interessante acrescentar e elaborar um requerimento onde os crimes fossem denunciados através do disque 100. Fazer e entregar

também nas escolas e na vizinhança, um trabalho educativo explicando como identificar as agressões e como pais e professores devem evitar a situação, e o que fazer com os envolvidos.

A proposta é convocar para que todos trabalhem e estimulem atos de paz, considerando as diferenças individuais. Sempre que pensarmos em violência devemos olhar primeiro para nós mesmos. Para a paz existir precisamos agir cuidadosamente, pois ela não é um ato de omissão. A paz é a ação através do Bem

Para Constatini (2004):

O bullying “é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicológica que pode ser efetuada tanto individual quanto grupalmente”. O *bullying* é um comportamento próprio das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Segundo Fante (2005):

[...] a depressão, abandono dos estudos, baixo autoestima, ansiedade, são características usuais das vítimas. Os principais alvos são pessoas retraídas e inseguras; isso faz com que essas pessoas não peçam ajuda e se sintam desamparadas e com dificuldade de encontrar e de aceitação no grupo. Vivem submissas e vulneráveis aos valentões da escola.

b) O meio social

Em uma reportagem sobre notas e violência realizada por Raphael Hakime e Silvia Avanzi (Hakime e Avanzi, 2009) foi analisado a relação entre a violência e as notas dos alunos.

O IDEB médio apurado entre as escolas da cidade do Rio de Janeiro foi de 3,8. Este indicador reflete uma realidade pelo fato de que a violência e as taxas de homicídios são muito altas, o que justifica a baixa frequência do corpo discente nas escolas. Essa violência implica no medo das famílias em enviar seus filhos para a escola, já que tiroteios entre policiais e bandidos são frequentes, assaltos e agressões de toda ordem acontecem a todo o momento, em especial nos bairros periféricos e favelas e comunidades de alto risco social que existem nas cidades, onde uma bala perdida a qualquer instante pode ceifar a vida de uma dessas crianças. Diferentemente do que ocorre na cidade de Campinas/SP onde o índice

obtido pelo o IDEB foi de 5,4 o que reflete uma realidade onde a qualidade de vida, a segurança oferecida ao cidadão através de uma polícia eficiente e os baixos indicadores de violência, fazem com que a frequência nas escolas seja maior.

Para os pesquisadores entrevistados, entre as soluções:

Um simples fato de uma qualidade de vida melhor e o direito de ir e vir do cidadão é garantido e a segurança do cidadão é eficiente, confirma que influenciam em melhor aproveitamento dos alunos em seu aprendizado e, por conseguinte melhores notas em seu boletim.

A escola também pode contribuir para que a paz seja também uma constante em seu dia a dia em seu ambiente escolar, através de práticas educativas como palestras, debates, atividades culturais, como também a implantação de uma guarda municipal.

Segundo Avelino (2014) a violência tem que ser raciocinada, debatida e evitada nas escolas. O melhor caminho para combater é a integração com a comunidade que passa a respeitar aquele espaço que é de todos.

Para o corpo docente " violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas ". Enquanto que para o corpo docente" a violência, enquanto descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão". (AVELINO, 2014)

c) As questões de ensino aprendizagem implícitas no projeto político pedagógico da escola.

Beatriz Santomauro entrevistou Telma Weisz em Abril, 2012, na cidade de São Paulo (SP), sobre o ato em que as pessoas pensem e analisem que alfabetizar é responsabilidade de todos e não só de um professor. Telma começa falando sobre a alfabetização ontem e hoje e que, como educadora há 50 anos a metade da população fracassava na escola porque ela não era para todos. Era só para burguesia. Hoje nós professores pensamos que é obrigação ensinar a todos, mesmo que não consiga. Antes não era assim que pensavam, diz Telma Weisz.

Acrescentou que a mudança da alfabetização mudou nos anos 80, quando Emília Ferreiro descobriu e publicou os dados da psicogênese da língua escrita. Na época, não se falava mais em alfabetização, falavam que era um problema sem solução. O maior interesse pela pesquisa sobre psicogênese foi na esfera pública e não particular.

Telma Weisz acrescenta que é o que vemos muito nas escolas públicas, analfabetos funcionais, são produtos de uma escola que produz não leitores e enquanto continuarem com gramática e produção de texto, para quem não conhece nem uma letra vai ser cada dia pior, porque muitos professores não estão nem aí para esses alunos e assim mesmo sem aprender nem ter condições, passam esses alunos de ano para a série seguinte. Para Telma Weisz, não devemos criticar os educadores, só por criticar, se coloque no lugar do outro, só os professores sabem o que passam na sala de aula, dão seu máximo, mas, tudo que acontece de negativo é culpa da professora.

Bernard Charlot em entrevista a Cristiane Marangon esclarece que muitos estudantes imaginam que a escola é um lugar de lazer e não do saber. Os conflitos nascem quando o professor explica algo que não é compreendido, sendo assim o professor explica de novo e outra vez sem sucesso. Ele vai pensar que o aluno é inabilitado. O educador culpa a turma porque não avança. O jovem acaba pensando que o professor não sabe ensinar. Tudo isso pode virar uma agressão verbal ou física. Ser professor não é fácil, tem que ter jogo de cintura para enfrentar as diversas contradições. O aluno vai à escola sem nenhuma orientação. Antes os pais preparavam os filhos para uma etapa da vida, os mais velhos que frequentavam à escola ajudavam os menores.

Quando toda população passa a estudar, você se vê diante de crianças que não receberam nenhuma preparação para as situações de aprendizagem. O professor espera encontrar um aluno, obediente dedicado em sala de aula, mas está difícil, até porque muitos não querem fazer nada na escola, só bagunçar. Estão acostumados a fazer isso em casa aí querem fazer na escola. Muitos pais não conseguem controlar seus filhos e querem que a escola faça milagre.

Charlot conclui que o jovem não quer uma escola com a cara dele, mas uma que faça a ponte entre a história coletiva do ser humano e sua história individual.

Moacir Gadotti (2011) realizou uma entrevista com Paulo Freire em 1993 em São Paulo. Para Paulo Freire a escola pública deveria ser para todos os alunos inclusive os de classe média. Freire reconhece que a linguagem é uma produção social, uma aparência executada nessa produção social. É precisamente por isso que a linguagem é corpo ideológico. Não é possível pensar em linguagem sem ideologia e sem poder. A gramática nasce com a publicação do poder. Acredita que é possível fazer uma educação popular na escola e que uma administração aberta,

democrática, a escola nada a favor da correnteza, quando defende uma série de políticas pedagógicas.

Paulo Freire ainda afirma que uma das coisas que nós professores devemos fazer para incluir é explicar para os alunos as diferenças, que é pela transmissão que o homem expressa sentimentos, ideias, conceitos, bem como evolui como ser humano que interage que ensina e aprende e se aproxima com o outro e que não é possível pensar no sonho democrático da escola tendo uma administração autoritária. Acredita que não podemos deixar de sonhar.

Na entrevista, Freire fala da escola de seus sonhos. Através de seus gestores, equipe técnica, professores e alunos deve fomentar a cultura da paz, do amor, do respeito mútuo, da empatia e aceite da diversidade, para decidir sobre situações que fujam destes preceitos deve criar uma comissão para resolução de conflitos buscando sempre a melhor solução. A direção tem papel fundamental neste processo, onde a autoridade deve ser conquistada através de eleição democrática, onde o diálogo e o respeito deve ser uma constante em seu dia a dia.

6. CONCLUSÃO

Ao finalizar esse trabalho concluo que a violência está presente, no dia a dia escolar, principalmente na vida das crianças e adolescentes, esses não tem maturidade suficiente para se defender. Pelos documentos analisados é uma questão complexa que depende da escola, da família, do meio social e da relação família escola.

Nos casos de *bullying*, geralmente quem agride são pessoas que vivem num ambiente violento, onde normalmente as vítimas são pessoas frágeis, assustadas, e tímidas, tornando-se facilmente alvo destes agressores. As vítimas de bullying geralmente ficam com sequelas graves, além da depressão, alguns chegam ao suicídio. Existem fortes tendências de que as crianças ou adolescentes que praticam a violência tendem a ser violentos no futuro.

Então, podemos finalizar que apesar da maioria dos casos de violência acontecer na escola, a sua prevenção deverá firmar-se em toda comunidade. Todos os cidadãos têm um papel fundamental no desempenho desta prática. A família é de grande importância no sentido de como orientar os agressores para não persistirem nesta prática e também identificar as vítimas. Estas famílias são as que acompanham estas crianças e adolescentes por mais tempo no seu dia a dia e são responsáveis pela formação dessas pessoas, passando os ensinamentos de crenças e valores adotados na sociedade.

Fica ciente que aceitando ou não a existência da violência no ambiente da escola o professor deve ter consciência de que as ações não devem esperar pelas ocorrências dos fatos, mas deve estar baseada num principio de como se prevenir. A partir do conhecimento de cada professor, este deve mediar as suas ações em busca de um ambiente saudável, baseado nos princípios de ética, justiça, solidariedade, respeito mútuo e diálogo. É preciso acreditar no poder transformador da educação. Se um pai ou um professor educa a criança para o bem, certamente colherá bons frutos. A boa semente plantada brota e faz florescer valores essenciais para o convívio humano, como a solidariedade, o respeito, a compaixão e o caráter.

Lamentavelmente, muitas crianças tiveram suas vidas transformadas negativamente pela aflição a qual foram submetidos covardemente. Muitos desistiram de lutar contra a violência, e optaram por não mais fazer parte desta sociedade cruel, tirando a própria vida. Mas também, muitos que passaram por essa

situação encontraram forças dentro de si para combater e superar todo esse sofrimento causado pelas agressões e hoje busca transformar essa triste realidade através da educação.

Pela análise dos documentos acredito que se a escola assumir o compromisso e trabalhar os valores fundamentais para a convivência em sociedade, envolvendo sua estrutura pedagógica, desenvolvendo competências, estabelecendo limites, envolvendo toda a escola, a família e a comunidade, é possível criar um ambiente sadio onde não haverá espaço para as práticas agressivas e exclusivas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fabiana. **A pedagogia do afeto na sala de aula**; ilustrações Vanessa Alexandre. 2 ed. Recife: Prazer de Ler, 2014.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo**: Lei de Diretrizes e bases da educação nacional, Lei nº 9.394/96 comentada e interpretada, artigo por artigo / Carlos da Fonseca Brandão - São Paulo. Avercamp 2010.

BRAVO Silva, Lidiane Rodrigues Campelo da DAMACENO, Ana Daniella MARTINS, Maria da Conceição Rodrigues SOBRAL, Karine Martins FARIAS, Isabel Maria Sabino de 1991. Pesquisa documental: Alternativa investigativa na formação docente. Outubro 2009. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. 26 a 29 Outubro. PUCPR 2009.

CARAVELAS Luciana 2006. A imagem do Nordeste no jornalismo brasileiro no contexto dos anos 70 e 80 através de fotografias e texto do jornal do Brasil. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. Programa de Pós-graduação em Sociologia.

FIGUEIREDO, Nebia. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Julho de 2007.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** 3 ed. São Paulo; Atlas.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Ana Beatriz Barbosa Silva. Rio de Janeiro: Objetiva 2010.

DIGITAIS

AVELINO Viviane Marcelos 2014. **A violência escolar**. Disponível em <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/sociologia/violencia-escolar.htm>. Acesso em 20/04/2016.

BARROS, Andréia. Soraya Escorel fala sobre bullying: é preciso levar a sério ao primeiro sinal. **Revista Nova Escola**. Publicado em ABRIL 2008. <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/bullying-preciso-levar-serio-431385.shtml>. Acesso em 24/09/2016.

CALADO Ferreira. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. 2004 Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf. Acesso em 03/09/2016

Chizzotti, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios** 2006. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxvcmlbnRhY2FvZ2VzdGFvcHVibGljYXxneDo1Yjk4MGE2N2ZjMGE3ZTg1>. Acesso em 18/03/2016

CONSTANTINE, Alessandro. **Violência Escolar e Bullying: O papel da Família e da Escola** 2004. Disponível em: <http://meuartigo.brasescola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>. Acesso em 10/03/2016

FANTE, Cleo. **Violência Escolar e Bullying: O papel da Família e da Escola** 2005. Disponível em <http://meuartigo.brasescola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>. Acesso em 10/03/2016.

FERREIRA. **Violência na Escola? A paz é melhor!** 2009 Disponível em <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/violencia-na-escola-a-paz-e-melhor-4489634.html>. Acesso em 09/05/2016

GADOTTI, Moacir (Gadotti 1993). Entrevista com Paulo Freire 1993 junto com o educador e secretário, **Revista Nova Escola** <http://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo> Acesso em 27/09/2016.

GOMES, Abjan 2011. "Ouvir o agressor reduziu o bullying". Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/ouvir-agressor-definicao-bullying-644933.shtml>. Acesso em 24/04/2016.

Guarechi, Pedrinho. **Violência Escolar e Bullying: O papel da Família e da Escola** 2008. Disponível em <http://meuartigo.brasescola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>. Acesso em 10/03/2016.

HAKIME Raphael e AVANZI Silvia. Menos violência, notas melhores. **Revista Nova Escola. Gestão Escolar**. Edição 4 Outubro/Novembro. 2009. Disponível em <http://gestaoescolar.org.br/comunidade/menos-violencia-notas-melhores-759354.shtml>. Acesso em 27/04/2016

LEMGRUBER, Roberta. **Saiba identificar e combater o bullying nas escolas**. 2013 Disponível em: <http://www.minhavidacom.br/familia/galerias/12927-saiba-identificar-e-combater-o-bullying-nas-escolas>. Acesso em 20/02/2016.

MARANGON, Cristiane. Bernard Charlot: "O conflito nasce quando o professor não ensina". Publicada **Nova Escola** Edição 195. Outubro 2006. (Marangon, 2006). Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/formacao-continuada/bernard-charlot-conflito-nasce-quando-professor-nao-ensina-609987.shtml>. Acesso em: 20/02 2016

MARTINS, Ana Rita Chega de omissão. Bullying contra alunos com deficiência. **Revista Nova Escola** Publicado em dez. 2009. DISPONÍVEL EM: <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/chega-omissao-bullying-deficiencia-preconceito-prevencao-necessidades-educacionais-especiais-518770.shtml> . Acesso em 27/04/2016

MÜZEL, Lúcia. É preciso tratar das pequenas violências do cotidiano para evitar as mais graves. Publicado em **NOVA ESCOLA** Edição 248, DEZEMBRO 2011. DISPONÍVEL EM: <http://acervo.novaescola.org.br/edicoes-impressas/248.shtml>. Acesso em: 27/04/2016

PEREIRA, Beatriz. Bullying e inclusão escolar: a percepção dos professores 2009. Disponível em: http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminar/trabalhos/270_1_1.pdf. Acesso 26/10/2016

SANTOMAURO, Beatriz. Os analfabetos funcionais são fruto de uma escola que produz não leitores. Telma Weisz fala da alfabetização nas escolas públicas nas últimas décadas. (Santomauro, 2012) Publicado em **NOVA ESCOLA** Edição 251, ABRIL 2012. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/telma-weisz-fala-alfabetizacao-escolas-publicas-ultimas-decadas-683815.shtml?page=1>. Acesso em: 27/10/2016

SANTOMAURO, Beatriz. **Cyberbullying**: a violência virtual. 2010. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/cyberbullying-violencia-virtual-bullying-agressao-humilhacao-567858.shtml>. Acesso em 28/02/2016.

TODA MATÉRIA. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/>. Acesso em 20/08/2016

TOMAZETT, Cristiane Rodrigues de Oliveira. **A violência nas escolas públicas**. 2013. Disponível em <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/36867/a-violencia-nas-escolas-publicas>. Acesso em Acesso em 03/03/2016

VOLPATO, Marcelo. Ouvir o agressor reduziu o bullying. Escrito por Publicado **Nova Escola** em outubro 2011 (Volpato, 2011a) Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/ouvir-agressor-definicao-bullying-644933.shtml>. Acesso em: 27/09/2016.

VOLPATO Marcelo. Educação Física sem Bullying. (Volpato 2011b) **Nova Escola** Edição **246** Publicado em OUTUBRO 2011. <http://acervo.novaescola.org.br/formacao/ouvir-agressor-definicao-bullying-644933.shtml>. Acesso em: 27/09/2016.

APÊNDICE A

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Por este termo, abaixo assinado, eu assumo a responsabilidade de autoria do conteúdo deste Trabalho de Conclusão de Curso, estando ciente das sanções legais previstas referentes ao plágio. Portanto, ficam a Instituição e o Orientador, isentos de qualquer ação negligentes da minha parte, pela veracidade e originalidade desta obra.

Aracaju, ____/____/____

Verônica Santos da Silva